

O NARRADOR EM “ANTIPERIPLÉIA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Tadeu Jordão Fernandes Giovannetti*
Universidade Estadual de Londrina

Resumo:

Este trabalho tem o propósito de analisar o conto “Antiperipléia”, presente em *Tutaméia* (Terceiras Estórias), de João Guimarães Rosa, partindo de sua estrutura narrativa em primeira pessoa. Buscar-se-á elucidar os contrastes entre as situações de enunciação e de enunciado, bem como verificar de que maneira se articulam temática e estruturalmente no texto. O intuito é obter uma leitura mais aprofundada e ampla do conto rosiano.

Palavras-chaves: Antiperipléia, Guimarães Rosa, Enunciação.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze the story “Antiperipléia” – included in *Tutaméia* (Terceiras Estórias), by João Guimarães Rosa – starting from its first person narrative structure. It is our intent to elucidate the contrasts between the enunciation situations in the present and in the past and understand in what ways they articulate thematically and the structurally in the text.

Key words: Antiperipléia, Guimarães Rosa, utterance.

Introdução

“Antiperipléia” é o primeiro dos quarenta contos presentes em *Tutaméia* (Terceiras Estórias) (1967), último livro publicado em vida por João Guimarães Rosa (1908-1967). Esta é a obra em que o escritor depura ao máximo sua técnica para conceber contos curtos, obtendo um elevado grau de concentração e economia no trato de uma variedade enorme de temas e enredos. A opção por um gênero conciso, “epigramático”, nas palavras de Paulo Rónai, sugere o ápice do desenvolvimento de um processo de condensação iniciado em *Primeiras Estórias*, coletânea de contos publicada em 1962, que, pela primeira vez, trazia o universo do escritor mineiro sob a forma de estórias curtas. No entanto, a concentração demasiada das estórias de *Tutaméia* parece dever-se, primeiramente, ao limite de extensão – entre três e cinco páginas – imposto pela revista (*Pulso*) em que elas foram originalmente publicadas.

Logo de início, o que intriga o leitor é o neologismo que dá título ao conto. Sendo o périplo – do grego *períplous*, ‘navegação à volta de um continente’ – entendido em literatura como a grande viagem de aventuras empreendida pelo herói da narrativa épica, pode-se, de antemão, deduzir que “Antiperipléia” vá tratar, assim, de um antipériplo. Na composição da estranha palavra, além do prefixo de negação

* Aluno de Iniciação Científica na Universidade Estadual de Londrina. Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa de autoria e coordenação da Profa. Dra. Adelaide Caramuru César: “A voz em João Guimarães Rosa: narradores homodiegéticos e autodiegéticos presentes em contos de *Sagarana*, *Primeiras Estórias* e *Tutaméia* (Terceiras Estórias)”.

“anti”, há o sufixo “éia”, que evoca a sonoridade das palavras *epopéia* e *odisséia*, o que, de alguma forma, nos permite compreendê-la como um termo que denota ‘uma narrativa’. Neste caso, a narrativa de um antipériplo. Ao tomarmos conhecimento do enunciado, ou seja, da estória que se conta, esta impressão se reforça.

Em síntese, o conto é a narração feita por Prudencinho, um ex-guia de cego, anão e corcunda, que se dirige a um senhor “das cidades” – o Seô Desconhecido – fazendo um relato, uma espécie de testemunho repleto de ambigüidades, a respeito da morte de seu antigo chefe, o cego seô Tomé. Os dois, Prudencinho e o cego, vêm parar num pequeno lugarejo onde ocorre o envolvimento amoroso de seô Tomé com a personagem Sa Justa, uma mulher casada. A relação e os encontros são mediados e arranjados pelo guia, que também atua como vigia. Com a morte de seô Tomé, misteriosamente despenhado de um barranco, as pessoas do lugar passam a suspeitar de Prudencinho. Deste modo, tomando-se como centro da estória a personagem de seô Tomé, ler-se-ia “Antiperipléia” como sendo a tragicômica narrativa do antipériplo de um anti-herói que, além de não realizar nenhum grande feito, é cego e termina morrendo despenhado de um barranco, possivelmente em consequência de ter se envolvido com uma mulher casada e, ainda por cima, feia.

Podemos interpretar “Antiperipléia” tendo em vista o próprio discurso, o ato narrativo. Pouco antes de principiar, de fato, a contar a estória, Prudencinho diz “que as coisas começam de verdade é por detrás, do que há, recurso; quando no remate acontecem, estão já desaparecidas” (Rosa 1969: 13)¹. Subentende-se nesta passagem uma alusão ao título do conto. Prudencinho recorda e recria sua trajetória ao lado de seô Tomé, do momento em que os dois chegam ao lugarejo fatídico até ao que se segue após a morte do cego, e este próprio narrar pode ser entendido como uma ‘viagem de volta’, ‘recurso’. O guia reconstitui a estória desconstruindo os acontecimentos de “de trás”, manipulando-os a ponto de a explicação sobre a morte de seô Tomé resultar ambígua e aberta. Seguindo nesta perspectiva, não será descabido interpretarmos até mesmo o fato de o narrador ser um guia de cego como uma metáfora do autor. Afinal, a situação explorada na estrutura narrativa do conto é a de um ouvinte sendo ‘guiado’ ao conhecimento da estória sempre sob o controle do narrador. Em outro nível, nós, leitores, também somos ‘guiados’ pelo discurso de Prudencinho.

É interessante, entretanto, como não deixam de haver na narração do guia referências ao sentido original da palavra périplo. A certa altura, Prudencinho afirma que “a gente na rua, puxando cego, concerne que nem se *avançar navegando* – ao contrário de todos” (13) (grifo meu). E já no primeiro parágrafo do conto encontramos a seguinte revelação: “Tudo, para mim, é viagem de volta” (13). “Antiperipléia” sendo, de certa forma, a aventura às avessas do próprio guia de cego, bêbado e alcoviteiro, que se vê em meio a complicações após haver facilitado o envolvimento de seu antigo chefe com uma mulher casada. A ‘viagem de volta’ de Prudencinho, rumo à cidade com o Seô Desconhecido, seria, deste modo, uma fuga

¹ As demais citações referentes ao conto “Antiperipléia” se limitarão à indicação do número da página.

destas complicações. Seria um trajeto no sentido oposto ao do ‘périplo’ antes empreendido pelo guia e por seô Tomé.

Como demonstraremos a seguir, as considerações de Prudenciniano, feitas no início e ao final do conto, a respeito desta ‘viagem’, desta ida à cidade, atuam como uma espécie de moldura ao enunciado, à estória. O que já se pode observar, porém, é que o próprio título do conto carrega-se da ambigüidade que envolve toda a narração do guia.

1. Relacionamento narrador-narratário

Da mesma maneira que *Grande Sertão: Veredas* (1956), “Antiperipléia” se inicia com um travessão antes da fala do personagem-narrador, expondo uma situação de diálogo em que, entretanto, somente uma das vozes é transcrita. Seô Desconhecido, o *narratário*, personagem a quem o narrador se dirige e para quem conta a estória, apenas nos é dado a conhecer, ou entrever, através de algumas referências e alusões presentes no discurso de Prudenciniano.

A pergunta que serve de abertura ao conto, “ – E o senhor quer me levar, distante, às cidades?” (13), nos leva a crer que tenha havido uma motivação, uma deixa do *narratário* que induz Prudenciniano a manter uma conversa, a começar a contar toda a estória das possíveis causas da morte de seô Tomé. Essa deixa deduzimos ser o convite feito por seu interlocutor de levá-lo dali, com uma oferta de emprego na cidade. A narração de Prudenciniano parte de seu estranhamento diante da generosidade de tal proposta. Desconfiado, o guia parece avaliá-la com ponderação, como se percebe quando ele diz: “Delongo. Tudo, para mim, é viagem de volta. Em qualquer ofício, não; o que eu até hoje tive, de que meio entendo e gosto, é ser guia de cego: esforço destino que me praz” (13). Esta resposta de Prudenciniano é uma ressalva: opõe-se a trabalhar num serviço de outra natureza; o que ele bem sabe e aprecia é ser guia de cego. Somente após narrar toda a estória é que ele apresenta sua decisão ao Seô Desconhecido, encerrando o conto: “Vou, para guia de cegos, servo de dono cego, vagavaz, habitual no diferente, com o senhor, Seô Desconhecido.” (16)

O suposto desinteresse do *narratário* é o que aparentemente faz o guia sentir-se à vontade para narrar, conforme afirma em determinado momento: “O senhor não me perguntou nada. Só dou resposta é ao que ninguém me perguntou” (13). Como o interlocutor de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, o Seô Desconhecido – um homem citadino, que também imaginamos ser culto e discreto, uma figura que semelha à do próprio Guimarães Rosa – parece ser o ouvinte ideal para Prudenciniano, homem do sertão, desconfiado e acuado pelos do lugar, que o desprezam por considerá-lo suspeito da morte do cego. Demarcada já no início do conto, a distância social existente entre os dois é, paradoxalmente, o fator principal que promove a identificação narrador-ouvinte. Em *Grande Sertão: Veredas*, o silêncio atencioso e modulador do interlocutor culto, que parece anotar a fala de Riobaldo, é fundamental para propiciar a este a oportunidade de narrar, de mergulhar nos

acontecimentos que marcaram sua vida. Algo semelhante ocorre com Prudencinhano em relação ao Seô Desconhecido. Este o encontra no mesmo lugarejo onde tudo ocorreu – como se conclui quando Prudencinhano afirma: “*Aqui* paramos, os meses, por causa da mulher, por conta do falecido...” (13) (grifo meu); “*Aqui*, que ele se desastrou...” (15) (grifo meu) – e, justamente por não lhe perguntar nada a respeito da morte do cego, por demonstrar imparcialidade e desinteresse em incriminá-lo, acaba ganhando a confiança do guia.

Poder-se-ia mesmo dizer que o fato de estar conversando com um homem da cidade é determinante para a narração de Prudencinhano. Esta situação de diálogo entre sertanejo e homem urbano foi muito explorada por Guimarães Rosa e não se restringe ao exemplo de *Grande Sertão: Veredas*. Sob um ponto de vista que privilegie a metalinguagem, dir-se-ia que o narrador sertanejo, com as particularidades de sua visão de mundo e de seu falar, apenas ganha voz e é devidamente valorizado ao entrar em contato com o homem urbano, ou seja, ao ter seu discurso transposto e recriado pelo homem culto, pelo autor. O narratário de “Antiperipléia”, Seô Desconhecido, funcionaria, então, como um *alter ego* de Guimarães Rosa, uma personagem cujas características não são postas em relevo no desenrolar da estória, mas sem a qual não haveria para Prudencinhano a possibilidade de narrar. Análogo ao que ocorre na relação leitor-autor-obra: para nós, leitores urbanos, também seria muito difícil entrar em contato com a humanidade do narrador sertanejo sem que houvesse a mediação do texto artisticamente construído.

Note-se, ainda, que há alguns detalhes tipográficos no texto que nos indicam o respeito ou, talvez, a cautela que o narrador tem com seu interlocutor. A personagem que mais vezes é mencionada no conto, o cego seô Tomé, tem seu nome quase sempre grafado com a inicial minúscula no tratamento (seô), havendo apenas uma única exceção². Já no caso do interlocutor, do qual não lemos uma palavra e nem sequer sabemos o nome, mas, apenas, a denominação empregada pelo guia (Seô Desconhecido), tanto o tratamento como a própria condição de forasteiro, estranho, são registrados com maiúsculas. Na abertura, em alguns trechos e, inclusive, no final de “Antiperipléia”, este narratário é referido pelo guia apenas como “senhor”, assim grafado, com minúsculas. A diferença, entretanto, nestes momentos, está no fato de ele ser chamado de “senhor” e não “seô”, como o cego. O tratamento registrado na forma culta por Prudencinhano denota o aspecto urbano de seu interlocutor. Não obstante, no fim do conto, com a resolução de acompanhar o forasteiro, uma vez que este já ouviu sua estória, Prudencinhano o chama de Seô Desconhecido. Há, então, uma espécie de cumplicidade que motiva o narrador a tratar seu ouvinte com uma informalidade até este momento ausente. ‘Seô

² No trecho: “Ajoelhou para me pedir, para eu ao meu *Sêo* Cego mentir” (14) (grifo meu). Nesta passagem, entretanto, percebe-se que, apesar de o tratamento ser grafado com maiúscula, o personagem-narrador não se refere a seu antigo chefe usando seu nome, mas sim o adjetivo que caracterizava sua deficiência visual: ‘Seô Cego’. O emprego, pelo autor, de maiúscula talvez sirva, neste caso, para expressar um certo desprezo ou inveja de Prudencinhano pelo fato de Sa Justa desejar o cego e não ele.

Desconhecido’ são as duas últimas palavras que lemos de Prudencinhanho. É como se, através delas, Guimarães Rosa nos sugerisse o caráter incerto do destino do guia rumo à civilização, à cidade. Como veremos ao final, tal destino é retomado pelo autor curiosamente no último conto de *Tutaméia*: “Zingarêscas”.

2. A história vivida no passado e no presente relatada

É importante percebermos que a narração de Prudencinhanho é *autodiegética*, o que significa que ele é protagonista do que conta. Há, deste modo, o Prudencinhanho da *enunciação*, que narra no momento presente, e o do *enunciado*, que faz parte da estória vivida no passado. Os dois níveis fazem-se presentes no texto, que chega a nós como uma espécie de transcrição ou, melhor dizendo, transcrição do discurso de Prudencinhanho. Identificar as intenções do narrador enquanto faz-se personagem é fundamental para se evitar uma leitura ingênua. Lembremo-nos de que o guia é suspeito de um assassinato. Apesar de sua narração arrolar as mais variadas hipóteses sobre a morte do cego seô Tomé – de suicídio a crime passional, passando por vingança e até azar – há passagens em que ele não chega a inocentar-se totalmente. É quando afirma, por exemplo, que tem “culpas retapadas” (13) ou quando diz: “Tenho e não tenho cão, sabe? Me prendam! Me larguem!” (15) e, ainda, ao final do conto, na confissão: “Temo que eu é que seja terrível” (16). Além disso, ele, de certo modo, se compromete – como narrador e como personagem, suspeito de crime – ao confessar reiteradas vezes ter o hábito de beber, conforme se nota nas seguintes passagens: “Seô Tomé se soberbava, lavava com sabão o corpo, pedia roupas de esmola. Eu, bebia.” (13); “Bebo, para impor em mim amores dos outros?” (13); “Bebo. Tomo, até me apagar, vejo outras coisas. Ele carecia de esperar, quando eu me perfazia bêbedo deitado.” (Rosa 1969: 14); “Ela me dava cachaças, comida.” (14); “Mas o marido, imoral, esse comigo bebia...” (15); “Eu, bêbedo e franzino, ananho, tenho de emendar a doideira e cegueira de todos?” (15); “Se na hora eu estava embriagado, bêbedo, quando ele se despencou, que é que sei?” (15)

3. Marcadores do desenvolvimento narrativo

Alguns verbos empregados por Prudencinhanho funcionam como marcadores do percurso narrativo que ele traça ao contar a estória. São verbos no tempo presente da enunciação através dos quais o narrador demonstra certa reflexão ou preocupação sobre o próprio narrar e destacam-se no texto por, no mais das vezes, bastarem como frases.

Assim, logo no início do conto, após indagar surpreso a Seô Desconhecido sobre a veracidade/validade de sua proposta de trabalho na cidade, Prudencinhanho como que responde também a si mesmo: “Delongo” (13). O tempo desse delongar, de matutar a respeito da proposta, é o tempo de contar sua estória, o tempo de

enunciá-la. Só haverá uma decisão depois que tudo for dito, depois que a estória for narrada. O verbo adverte que a resposta fica adiada, *delongada* para o final.

Um pouco adiante, após a importante afirmação: “Mas não cismo como foi que êle no barranco se derrubou, que rendeu a alma” (13), Prudencinhano parece se esquivar, ao dizer: “Decido?” (13). Ele, que conta a estória, pode, de acordo com sua vontade, decidir quem é o culpado da morte de seô Tomé? Sua habilidade narrativa não permite que se afirme nem que se negue esta hipótese. Para não facilitar, logo após lançar a dúvida, Prudencinhano pontua: “*Divulgo: que as coisas começam de veras é por detrás...*” (13) (grifo meu). O que ele divulga é que se atente para o fato de haver sua versão da estória. Quando diz que a raiz dos acontecimentos está situada “por detrás” no tempo, está a recobrar sua autoridade de narrador que ‘esteve lá’.

É interessante reproduzirmos aqui, na íntegra, o quarto parágrafo do conto, revelador por possibilitar-nos vislumbrar a dúvida e o embaraço de Prudencinhano a respeito da narração da estória, bem como sua decisão de prosseguir contando:

Mas não cismo como foi que ele no barranco se derrubou, que rendeu a alma. Decido? Divulgo: que as coisas começam de veras é por detrás, do que há, recurso; quando no remate acontecem, estão já desaparecidas. Suspiros. Declaro, agora, defino. O senhor não me perguntou nada. Só dou resposta é ao que ninguém me perguntou. (13)

Tendo semeado em seu interlocutor – e, em conseqüência, nos leitores – o interesse pela estória, através do trunfo de dizer que possui o conhecimento do que ocorreu antes, Prudencinhano já pode começar a contá-la. Entretanto, antes de decidir-se a fazê-lo, o guia, ao mesmo tempo reticente e seco, profere: “Suspiros” (13). No supracitado quarto parágrafo do conto, nota-se que esta palavra está situada justamente entre a afirmação indireta de sabedor do passado feita por Prudencinhano e a resolução deste de narrá-lo ao Seô Desconhecido. É intrigante que alguém pronuncie, talvez se referindo ao próprio discurso, a palavra “suspiros”. Infere-se que o narrador a tenha utilizado para expressar quiçá um desabafo, um alívio por lembrar-se de como tudo se deu, antes de começar a contar. Também se lê aí um indício de que o que virá será ambíguo.

Depois dos suspiros, quando anuncia que irá de fato dizer o que ocorreu, Prudencinhano pontua: “*Declaro, agora, defino. O senhor não me perguntou nada. Só dou resposta é ao que ninguém me perguntou*” (13) (grifo meu). Agora, enfim, o guia resolve-se a contar tudo. Este trecho marca a passagem do personagem-narrador do plano da enunciação, da *metadiege*se, para o do enunciado, da *diege*se. O que se lê a seguir é a estória situada no passado, ou seja, a estória da chegada ao lugarejo, o caso de seô Tomé com Sa Justa e o mistério da morte do cego.

A transição de volta ao plano da enunciação acontece num emblemático parágrafo: “Se na hora eu estava embriagado, bêbedo, quando êle se despencou, que é que sei? Não me entendam! Deus vê. Deus atonta e mata. A gente espera é o

resto da vida” (15). A partir daí, Prudencinhanho passa a discorrer sobre as conseqüências, no presente, da morte de seô Tomé: “A mulher diz que me acusa do crime...” (15); “O marido, terrível, supliquo, diz que eu é que fui o barregão...” (15); “Me prendam! Me larguem!...” (15); “Agora o cego não enxerga mais... A culpa cai sempre é no guiador?” (16)

Ao final, depois de deixar o forasteiro ciente de tudo, reitera a pergunta inicial: “E o senhor *ainda* quer me levar, às suas cidades, amistoso?” (16) (grifo meu). A proposta ainda estará em pé, depois de tudo o que foi narrado? Supõe-se que Seô Desconhecido diz que sim, pois, logo em seguida, Prudencinhanho afirma: “*Decido*. Pergunto por onde ando. Aceito, bem-procedidamente, no devagar de ir longe”; “Vou, para guia de cegos...” (16) (grifo meu). “Antiperipléia”, conforme já dissemos, termina, então, com esta sugestão do que poderá acontecer com o guia longe do sertão.

Considerações Finais

A voz do narrador de “Antiperipléia”, nas situações de enunciação e de enunciado, articula um pseudo-diálogo impregnado de ambigüidades do início ao fim do conto. O tema do crime ou do mistério da morte de uma personagem, aliado às suas várias possibilidades de causas e conseqüências, é, deste modo, projetado para além dos limites do curto texto. Guimarães Rosa consegue causar nos leitores uma ressonância rara. O adensamento para a forma *estória*, em oposição aos textos longos, fez com que a sugestão ganhasse relevo. Uma personagem como o marido de Sa Justa, por exemplo, mencionado apenas três vezes no conto, é nos dado a vislumbrar através de uma adjetivação tão parca quanto precisa (“imoral”, “terrível”, “supliquo”), surgindo, desta forma, como um elemento de muita relevância na trama. Guimarães Rosa parece pôr em prática o que teoriza no prefácio “Aletria e Hermenêutica”: partir do aparentemente insignificante, anedótico, para a abstração, o resvalar no “mistério geral, que nos envolve e cria” (4). O curto relato do anão e guia de cego amplia-se, assim, para além do sertão, e somos convidados a adentrar no inusitado universo do escritor, rumo ao Desconhecido.

Tutaméia ainda dará ao leitor dezenas de outras histórias, cada uma com um encanto próprio. O que aqui nos importa destacar, contudo, é que, na última delas, “Zingarêscas”, a personagem do guia de cego torna a aparecer, desta vez, com o nome modificado para ‘Dinhinhão’, alcunha que remete a ‘Prudencinhanho’. O conto que serve de fecho ao livro reúne alguns dos principais tipos humanos que povoam o restante da obra, tais como ciganos, padres, vaqueiros, fazendeiros, mulheres adúlteras, homens traídos etc. Sua ligação específica com “Antiperipléia” é curiosa por nos mostrar também um anão corcunda, guia de cego e suspeito de crime. A diferença é que no primeiro conto o guia é narrador e está deixando o sertão, enquanto no conto final ele é apenas personagem e surge voltando: “Era o anão Dininhão. Retornava para sertões, comum que o dinheiro corre é nas cidades?” (Rosa 1969: 190).

Referências Bibliográficas:

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Ed. Vega, [s/d].

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. *Primeiras Estórias*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Tutaméia (Terceiras Estórias)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

Recebido em: 05/10/2004

Aprovado em: 20/01/2005